

# A Teologia da Libertação na Nova Conjuntura

## Temas e Novos Desafios para a Década de Noventa<sup>1</sup>

Pablo Richard

### Introdução

Muitos pensam que com a queda do socialismo histórico no Leste Europeu, com a crise do marxismo e a instauração da Nova Ordem Internacional, já não tem futuro a Teologia da Libertação<sup>2</sup>.

Estaríamos vivendo o Fim da História, o triunfo final do capitalismo onde todo pensamento alternativo, toda esperança de um mundo diferente, toda utopia liberadora seria irrelevante e condenada ao fracasso. Já não teria sentido a TdL. Esta é a esperança de todos os que gozam a Nova Ordem Internacional: a esperança de que nunca mais exista gente que tenha esperança. Mas as coisas não são assim. O triunfalismo e a esperança dos opressores contradiz brutalmente a realidade de pobreza, miséria e opressão que segue dominando ainda a grande maioria da humanidade. As condições históricas que deram origem à TdL seguem vigentes. Enquanto existirem o escândalo da pobreza e a opressão e enquanto houver cristãos que vivem e refletem criticamente sua fé na luta pela justiça e a vida, haverá TdL. O fundamental, além disso, não é o futuro da TdL, mas o futuro da vida dos pobres, o futuro da vida humana, o futuro da libertação e o compromisso dos cristãos com esta vida e esta libertação. Fazemos TdL para que este futuro e este compromisso sigam existindo. No entanto, a TdL não seguirá existindo por inércia ou só repetindo seus esquemas originais. É necessário também *re-pensar* a TdL na nova conjuntura: *re-criar* e *re-programar* a TdL em direção ao futuro.

Nos três últimos anos *o mundo mudou profundamente*. Na América Central vivemos a invasão do Panamá (dezembro de 1989) e a derrota do governo sandinista (fevereiro de 1989). Caiu o muro de Berlim, o que foi um sinal positivo para o mundo inteiro, mas pouco depois se dava o massacre de seis padres jesuítas em El Salvador (16 de fevereiro de 1989). Sinais contrapostos que nos revelam o sentido contraditório da história que estamos vivendo. E seguiu a Perestróica na URSS e a crise do socialismo histórico no Leste Europeu.

O mundo rico desatou desde então uma verdadeira orgia ideológica, proclamando, como dissemos antes, o triunfo definitivo do capitalismo e o Fim da História (Fukuyama). Continuou se fortalecendo a avalanche do capitalismo neoliberal, com seus ajustes estruturais, para responder à ausên-

cia de desenvolvimento e à crescente pobreza no Terceiro Mundo. Por último, este ano de 1991 começa com o horror da “guerra do Golfo Pérsico”, que é uma guerra de extermínio contra o Iraque, contra o mundo árabe, e a Primeira Grande Guerra contra o Terceiro Mundo<sup>3</sup>. Com esta guerra o governo dos EUA tem buscado impor ao mundo inteiro sua hegemonia político-militar, e tem podido inicialmente submeter a Europa e o Japão a seus planos hegemônicos. Para o Terceiro Mundo tudo isto significa realmente uma Nova Ordem Internacional e uma real ameaça de morte. O governo dos EUA e seus aliados ocidentais têm ganhado uma batalha. Não obstante, têm desencadeado também um processo ainda inimaginável de resistência e de consciência no mundo inteiro contra o projeto de morte que buscam nos impor.

Se o mundo mudou tão profundamente, *também a TdL deve mudar*. Fiel à sua metodologia e ao seu espírito original, devemos *re-criar* a TdL para que responda à conjuntura atual: uma TdL para *depois* da TdL que temos conhecido. Mais ainda: esta reconstrução da TdL é parte essencial deste novo processo de resistência e afirmação da vida; renovação também de nossa fé de que Deus segue sendo o Deus dos pobres e o Deus da vida, ainda que a idolatria do ocidente cristão diga o contrário. Precisamos repensar o futuro da TdL e reconstruir assim nossa solidariedade e nossa esperança. Este é o objetivo do presente artigo que representa não só um trabalho pessoal, mas o fruto de várias reuniões recentes de teólogos e do esforço coletivo do DEI. Veremos duas partes: a TdL na nova situação histórica e os novos temas e desafios que a TdL deverá enfrentar na década dos anos noventa.

## 1. A TdL na Nova Situação Histórica

### 1.1. Continuidade com a TdL do Período Anterior

A TdL nasceu da participação dos cristãos nos processos históricos de libertação dos anos sessenta e setenta. A TdL nasceu como reflexão teórica, crítica e sistemática, sobre a experiência de Deus na prática de libertação. O conteúdo da TdL foi sempre *a experiência de Deus*, mas uma experiência de Deus vivida, celebrada e refletida no interior de uma *prática de libertação*<sup>4</sup>. Não se trata de um novo tema teológico, mas de uma nova maneira de fazer teologia. O objeto da TdL nunca foi temido fundamentalmente porque falava de libertação ou por seus temas políticos, mas porque refletia criticamente sobre Deus a partir dos pobres, a partir da vida e da justiça ameaçadas, a partir do Terceiro Mundo. A TdL soube descobrir *a inquietante presença de Deus* na vida dos oprimidos e na luta pela libertação; igualmente denunciou a inquietante ausência de Deus no mundo opressor e na cultura “ocidental e cristã”. O conceito de “prática” ajudou a TdL a ter uma compreensão crítica da história, vista desde os oprimidos. Se a teo-

logia clássica havia utilizado a filosofia aristotélica-tomista para a sua reflexão, a TdL utilizou a corrente mais crítica e libertadora das ciências sociais. Esta corrente descobre a opressão na história e reflete a partir da prática de superação desta opressão e não a partir do mundo abstrato e universal criado pela opressão para ocultar e legitimar a mesma. A racionalidade utilizada pela TdL não foi somente a do *discurso* radical, mas o da prática transformadora.

A *estrutura básica* da TdL, como reflexão crítica e sistemática sobre a experiência de Deus no interior da prática de libertação, é o que continua e se mantém na TdL, também na atual conjuntura.

Esta estrutura e racionalidade não mudam, pois hoje, mais do que nunca, é necessária uma prática de libertação. Hoje mais do que nunca Deus se faz presente e se revela de maneira privilegiada no mundo dos oprimidos e nas suas lutas de libertação. Contudo, simultaneamente devemos reconhecer os elementos novos da atual conjuntura que nos obrigam a repensar e a re-criar a TdL.

## 1.2. A Nova Situação Histórica e os Câmbios na TdL

### a) A Transformação do Sistema de Dominação e a TdL

Com a crise dos socialismos históricos no Leste Europeu e com o processo da Perestróica na URSS, se declara o fim da guerra fria e o fim da contradição internacional Leste-Oeste (entre o bloco dos países assim chamados socialistas e o bloco dos países assim chamados democráticos). Desde então o capitalismo se apresenta como a *única alternativa* para toda a humanidade<sup>5</sup>. Antes, o capitalismo tinha que *competir* com o socialismo, tinha que se preocupar em ter *um rosto humano* e em realizar políticas de *desenvolvimento* no Terceiro Mundo, para que os povos pobres não optassem pelo socialismo. Agora o capitalismo não tem competidores, portanto, não necessita ter rosto humano, não precisa se preocupar com o desenvolvimento do Terceiro Mundo; pode se impor definitivamente como a *única* solução. Nasce assim *um capitalismo totalitário*, selvagem, sem rosto humano. É a *Nova Ordem Internacional*, onde o governo dos EUA impõe, como gendarme internacional, sua hegemonia político-militar ao mundo inteiro para velar que este único sistema capitalista seja aceito por todos. O Terceiro Mundo não tem outra alternativa a não ser submeter-se ou desaparecer.

Nas décadas de sessenta e setenta, quando nasce e amadurece a TdL, o capitalismo tem uma política de *desenvolvimento* para os povos pobres, o que fortalece sua situação de *dependência*. O conceito "*libertação*" é utilizado para construir um modelo de desenvolvimento autônomo, não-dependente. Inclusive o termo "*desenvolvimento*" é substituído pela palavra "*libertação*". A grande ruptura teológica se deu na passagem de uma teologia do *desenvolvimento* para uma teologia da *libertação*; a teoria da dependência permitiu elaborar uma teoria e uma estratégia da libertação e da revolução no Terceiro Mundo. Critica-se radicalmente o *desenvolvimentismo* e o

*reformismo* por serem modelos dependentes, e a ruptura se expressa pelo conceito da *libertação*. Este novo conceito é globalizante e sinal de muitas rupturas: expressa uma nova teoria e uma nova práxis; é referência para definir uma nova cultura, uma nova ética e espiritualidade e também a nova teologia: a TdL.

Na atual situação do capitalismo a contradição desenvolvimento/libertação, reforma/libertação, dependência/libertação já não tem razão de ser. Agora a contradição radical é *Vida/Morte*. O capitalismo abandona suas políticas de reforma e desenvolvimento para a *totalidade* do Terceiro Mundo; agora o capitalismo faz reformas e desenvolve setores muito reduzidos do Terceiro Mundo e só em função de seus interesses imediatos, deixando as grandes majorias do Terceiro Mundo numa situação de total abandono e morte. O Terceiro Mundo já não é nem sequer *dependente*, mas simplesmente *inexistente*. Passamos da dependência à prescindência. Mais ainda: agora ser dependente parece ser um privilégio, pois as majorias são condenadas ao esquecimento e à morte.

Já não somos nem sequer o Terceiro Mundo, mas o Último Mundo, o Não-Mundo, o mundo maldito dos excluídos e condenados à morte. Por isso é que hoje é profundamente revolucionário e libertador buscar *reforma-se desenvolvimento* em função da vida de todos no Terceiro Mundo. Por isso é que hoje a alternativa não é desenvolvimento/libertação, mas *morte/vida*. O capitalismo propõe salvar a vida de alguns e aceita a morte de muitos. Isso é uma opção pela morte, pois não podemos aceitar a morte de muitos e a vida de poucos. A alternativa legítima é unicamente a *vida de todos*, do contrário estaríamos aceitando a morte de muitos, que finalmente levaria à morte de todos. A opção pelo desenvolvimento, pela libertação, pelo pobre, etc. chega a ser, na atual conjuntura, uma *opção pela vida*. A TdL chega a ser uma *Teologia da Vida*. A *vida — vida para todos e vida para todo o cosmo* — chega a ser a nova racionalidade, a nova lógica, a nova cultura, a nova ética, espiritualidade e teologia que se opõem radicalmente ao capitalismo na nova conjuntura.

Mas existe ainda uma mudança mais profunda no capitalismo atual. Este não somente deixa de ser um capitalismo com rosto humano, abandonando suas políticas de reformas e desenvolvimento para o Terceiro Mundo, mas se transforma num *capitalismo sacrificial*: a vida dos pobres é *sacrificada* para poder *salvar* o sistema capitalista de livre mercado. A lei da propriedade privada e do cumprimento dos contratos é considerada uma *lei absoluta*, e a esta lei *se sacrifica a vida humana*. O exemplo mais claro disto se dá na cobrança da *dívida externa*: o pagamento da dívida se faz *sacrificando* a milhões de pobres no Terceiro Mundo; não obstante, tal *sacrifício* se considera necessário para *salvar* a lei do mercado e o espírito do capitalismo<sup>6</sup>. Os que defendem a vida humana contra a lei do mercado, contra o sacrifício humano exigido por dita lei, são considerados milenaristas, utopistas, terroristas, etc. São os que “querem construir o céu na terra e trans-

formam a terra num inferno” (Popper). Os que consideram a vida humana um valor absoluto que nunca deve ser sacrificado, os que acreditam que a lei está para o ser humano e não o inverso, estes são considerados como um câncer no corpo social do capitalismo, que deve ser extirpado, ainda que seja com dor e sangue. A liquidação dos seis padres jesuítas em El Salvador é talvez o melhor sinal desta *agressividade sacrificial* do sistema capitalista. Isto mesmo explica a agressividade contra a TdL como teologia da vida para todos. Um bispo dos EUA expressou esta agressividade referindo-se aos teólogos da libertação com estas palavras textuais: “Os teólogos da libertação são as moscas que infectam o corpo místico de Cristo.”

Todas estas *mudanças profundas e estruturais* no sistema de dominação desafiam teórica e praticamente a TdL. Se faz necessário elaborar *novos conceitos* para entender melhor a nova realidade histórica e sua possível transformação. Com a assim chamada crise do marxismo, se tem buscado reprimir nossa capacidade teórica, destruir o espaço teórico necessário para resistir e seguir lutando, se tem querido destruir a possibilidade de *pensar alternativas* e destruir também nossa *esperança* e nossa *utopia*. A TdL deve retomar crítica e criativamente o diálogo com as ciências sociais, especialmente com a economia, a ecologia e a antropologia. Devemos re-apropriar-nos da *racionalidade histórica* necessária para pensar crítica e sistematicamente nossa fé no Deus da Vida, na nova conjuntura histórica.

#### *b) A Transformação da Situação dos Pobres e a TdL*

Nos últimos dez anos a TdL aprofundou e ampliou o conceito de *pobre*, utilizando o termo *oprimido*, não só na dimensão econômica, mas também racial, cultural e sexista. O conceito de classe foi sobredeterminado por aqueles de raça, nação e sexo. O mundo dos pobres e oprimidos é assim o mundo dos economicamente pobres, mas também o mundo dos indígenas, dos afro-americanos, das mulheres (sobretudo das mulheres do Terceiro Mundo duplamente exploradas, como pobres e como mulheres). Também falamos hoje de nações oprimidas e marginalizadas. O conceito Terceiro Mundo, que em si é inexato (não somos um “terceiro” mundo, mas a parte subdesenvolvida e explorada de um único mundo), é significativo, e inclui não somente as nações pobres, mas também os pobres de todas as nações: também as “minorias” exploradas no Primeiro Mundo.

Existe, no entanto, no capitalismo atual, uma mudança qualitativa muito profunda na realidade do pobre e do oprimido. É um fato que o mundo rico e industrializado necessita cada dia menos da população do Terceiro Mundo<sup>7</sup>. Ele necessita da nossa natureza: para explorar seus recursos naturais, para o turismo e para jogar seus lixos tóxicos; mas *não necessita da nossa população*. Talvez necessite de uma parte da população, como mão-de-obra barata ou como possível mercado, mas a parte majoritária do Terceiro Mundo é considerada *população sobranete*. Ser “explorado” é em certa medida um privilégio, pois ainda se é considerado parte do sistema. Esta população sobranete, ao ser excluída do sistema, perde todo poder:

já não pode pressionar com greves, visto que não existe nem como população produtora nem como população consumidora dentro do sistema.

À *exclusão*, além disso, segue necessariamente a *deterioração* e a *desagregação*. O sistema não tem interesse nesta população sobran-te e, portanto, não investe nela para a satisfação de suas necessidades básicas: trabalho, saúde, habitação, educação, etc. Começa um processo de empobrecimento cujo limite é a morte. A deterioração é total: econômica, social, cultural, corporal, humana, familiar, religiosa, ética... O sistema considera essa população sobran-te e deteriorada como lixo, como ratos, como algo que se tem que eliminar. Busca-se limpar as cidades de pobres. Em alguns países (como a Colômbia) existem Esquadrões da Morte que saem de noite para matar crianças da rua, desocupados, mendigos, prostitutas, homossexuais, desempregados, gente sem lar, etc. Noutros países se limpa a cidade de pobres (como em Santo Domingo), e estes são levados para regiões longínquas ou para lugares escondidos atrás das colinas. Considera-se, além disso, a esta população sobran-te como perigo, como ameaça, como fonte de ladrões, como a origem de epidemias contagiosas (como o cólera, a lepra, a tuberculose, a AIDS...). A morte destes pobres sobran-tes é uma morte silenciosa, inútil e até quase desejada. Esta nova forma de pobreza golpeia especialmente as crianças, os jovens e as mulheres. Golpeia-os duplamente quando são indígenas ou afro-americanos.

É evidente que esta transformação profunda da situação dos pobres desafia radicalmente a TdL: suas categorias, sua visão do mundo, seu compromisso, sua prática pastoral e sua profundidade ética e espiritual. A opção preferencial pelos pobres adquire uma radicalidade qualitativamente diferente. Ademais, a luta pela *justiça* dentro do sistema, a opção pelos pobres nos compromete a uma luta às vezes dramática pela *vida* dessas maiorias condenadas e excluídas, em acelerado processo de deterioração e desagregação. A fé no Deus da Vida nos confronta radicalmente com um sistema que discernimos cada dia com mais clareza como um sistema da lei, do pecado e da morte.

### c) *A Transformação da Prática de Libertação e a TdL*

A TdL é uma reflexão crítica e sistemática sobre a fé vivida no interior de uma prática de libertação. O conceito de prática é, portanto, central na TdL. As mudanças que temos descrito no sistema de dominação e na situação dos pobres, modificam também a realidade e a conceitualização da prática de libertação, e isto, conseqüentemente, desafia a TdL.

A prática de libertação nos situa não só a nível da *interpretação* da realidade, mas da sua *transformação*. A prática não somente se dirige às formas alienadas e ideológicas criadas pela dominação, mas busca superar as contradições históricas que produzem essas formas alienadas e ideológicas. A prática da libertação nos situa, por conseguinte, na transformação das realidades históricas, cujas vítimas principais são os pobres, os oprimidos e os excluídos. Ela nos desafia também à construção de uma nova realida-

de histórica onde não haja pobres, nem oprimidos, nem excluídos e onde todos tenham vida e vida digna. A TdL não reflete sobre uma fé abstrata, universal, alienante ou puramente interpretativa, mas sobre uma fé vivida e celebrada no interior destas transformações históricas. Tanto a racionalidade como a espiritualidade da TdL se vêem afetadas por estas transformações históricas.

Não podemos estudar aqui todas as transformações da prática de libertação na nova conjuntura, mas unicamente duas dimensões que afetam e desafiam a TdL. Trata-se de um *duplo deslocamento*: da sociedade política à sociedade civil e do enfrentamento político-militar ao enfrentamento cultural, ético e religioso.

*Primeiro: da sociedade política à sociedade civil.* Não se trata do abandono da sociedade política. A dimensão do poder e do Estado segue sendo muito importante. O Estado deve jogar um papel decisivo no desenvolvimento da sociedade civil, na planificação econômica e na proteção da natureza<sup>8</sup>. O neoliberalismo busca dismantelar o Estado para impor seu totalitarismo do mercado. No entanto, o Estado, despojado de seus aparatos repressivos, pode jogar um papel positivo a serviço do Bem Comum e da vida dos pobres e excluídos. Mas a prática de libertação na atual conjuntura se desloca para a sociedade civil e para os movimentos populares, e dali coloca-se mais a longo prazo o problema do poder político e do Estado. Os *movimentos populares* propõem uma renovação da sociedade de baixo para cima, a partir da base, a partir dos “poderes populares”. Sobretudo os novos movimentos populares alternativos, que buscam organizar o trabalho, a produção, o mercado, a tecnologia, a saúde, a educação, a moradia, a recreação, etc. de uma maneira alternativa ao sistema capitalista dominante. Existem movimentos que tomam vigor especial na atual conjuntura, como os da libertação indígena, da libertação da mulher, os movimentos afro-americanos, de crianças e jovens, movimentos culturais e de solidariedade, etc. Os movimentos sociais populares desenvolvem também uma *solidariedade regional e internacional* muito fecunda e significativa. Os movimentos indígena e de libertação da mulher, por exemplo, já têm uma articulação continental. Existe, além disto, um crescente movimento de solidariedade Norte-Sul.

*Segundo: da confrontação político-militar à confrontação cultural, ética e religiosa.* Hoje se torna evidente (principalmente depois da derrota do governo sandinista e da guerra mundial do Golfo Pérsico), que os povos do Terceiro Mundo não podem nem devem enfrentar as potências ocidentais no *terreno militar*. Neste terreno o Império é invencível. Por isto se impõe enfrentar o Império num terreno diferente, sobretudo ali onde o Terceiro Mundo realmente tem força: o *terreno cultural, ético e espiritual*. O Terceiro Mundo é pobre em recursos financeiros, tecnológicos e militares, mas é rico em humanidade, em cultura, em recursos éticos e religiosos. Faz-se necessário superar as atitudes violentas, guerreiras e militaristas, para desco-

brir *onde está nossa força*, nossa identidade e força própria como Terceiro Mundo, nossa força cultural, ética e espiritual, com a qual, sim, podemos assegurar a vida, para nós e para a humanidade inteira. *No terreno cultural*, o Terceiro Mundo deve enfrentar a cultura militar, a cultura da violência do Império dominante; igualmente sua cultura consumista, individualista e materialista. O Terceiro Mundo pode viver, resistir e lutar com suas culturas milenares, com uma cultura da paz e da vida, com uma ecocultura da natureza, da vida, da comunidade. *No terreno ético*, o Império nos impõe sua ética da lei absoluta (a lei da propriedade privada e do cumprimento dos contratos) e a esta lei sacrifica a vida dos povos e dos pobres. Na dupla moral (uma que se aplicava ao Iraque e outra que se aplicava a si mesmo, ao Estado de Israel e a outros Estados invasores), mostrou sua capacidade para utilizar a mentira, para manipular os meios de comunicação de massa, etc.). O Terceiro Mundo pode viver, resistir e lutar no terreno ético, com uma ética na qual a vida humana, e não a lei, seja considerada como um valor absoluto (a lei a serviço da vida e não a vida a serviço da lei) e com uma ética da verdade. *No terreno religioso*, o Terceiro Mundo tem especial força. As grandes religiões da humanidade são religiões do Terceiro Mundo, e os povos encontram nelas uma identidade profunda e uma força para lutar pela verdade e pela vida. O Primeiro Mundo, consumido pelo positivismo e liberalismo, pelo secularismo e materialismo, só crê no poder do dinheiro, das armas e da tecnologia. O Terceiro Mundo não pode cair nesta armadilha, mas deve desenvolver todo o potencial espiritual e religioso que lhe é próprio e onde reside sua força principal. Neste terreno podem unir-se todas as religiões do Terceiro Mundo em sua fé comum no Deus da Vida e numa luta comum pela vida e pela justiça.

Os dois pontos vão intimamente unidos, pois é evidente que a luta cultural, ética e religiosa não é uma luta abstrata ou ideológica, mas uma luta histórica que se dá no interior dos movimentos sociais e da prática de libertação. A luta cultural é uma luta pela vida (“a cultura é a agricultura”, dizia um indígena guatemalteco), e a luta ética e religiosa é uma dimensão essencial à sociedade civil. A dimensão cultural, a ética e a espiritual são dimensões da mesma prática histórica de libertação.

A TdL, sempre fiel a sua metodologia de viver e pensar a fé dentro da prática de libertação, tem que assumir os deslocamentos e transformações desta prática na nova conjuntura. Na sociedade civil e no terreno cultural, ético e espiritual, a TdL encontra um campo de desenvolvimento muito mais extenso e profundo que no passado quando a luta política e militar era a prática dominante. As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), matriz geradora da TdL, são parte específica da sociedade civil e dos movimentos populares de libertação. Igualmente, a TdL encontra um terreno privilegiado de criatividade e desenvolvimento no interior da luta cultural, ética e religiosa dos povos. Neste sentido, a TdL, na nova conjuntura, tem possibilidades de crescimento e amadurecimento imensas, muito superiores a todas

as condições anteriores. Hoje, mais do que nunca, a TdL tem um campo apropriado e fecundo de desenvolvimento, na medida em que assume consciente e criticamente, como TdL, com seu espírito e metodologia próprias, a nova conjuntura histórica local e internacional.

No enfrentamento cultural, ético e espiritual do Povo de Deus contra o Império, a TdL e as CEBs começam a viver de uma maneira criativa e libertadora, *o apocalipse*. A teologia apocalíptica é uma teologia política, criadora, dentro da história da esperança e da utopia<sup>9</sup>. Quando falamos do Povo de Deus incluímos os povos pobres do Terceiro Mundo, mas também os pobres e oprimidos no seio do mundo rico, especialmente os seus grupos mais conscientes e solidários. Quando falamos do Império nos referimos aos centros de poder econômico, financeiro, político, militar, cultural, social..., localizados fundamentalmente no Primeiro Mundo, embora também com ramificações de poder entre os poderosos do Terceiro Mundo. Não incluímos neste Império os povos do Terceiro Mundo, também submetidos a estes poderes de morte.

## 2. Novos Temas e Desafios para a TdL na Década dos Anos Noventa

É necessário analisar os novos termos e desafios segundo os níveis de desenvolvimento da TdL<sup>10</sup>. A TdL tem três níveis que descrevemos com a imagem de uma árvore: a *raiz* da TdL é a cultura, a religião, a espiritualidade do povo pobre e crente e dos movimentos sociais e populares. O *tronco* da TdL são as CEBs e estruturas similares. As *ramas* da TdL são os teólogos profissionais, as revistas e centros especializados. Os três são diferentes e específicos, mas também internamente estruturados. Os teólogos profissionais estão “entroncados” nas CEBs e enraizados na cultura e religião populares. Por sua vez, esta raiz cultural e religiosa da TdL se expressa nas CEBs e na teologia profissional. Veremos agora, rapidamente, os temas e desafios em cada nível da TdL.

### 2.1. Temas e Desafios Novos a Nível da Raiz da TdL

1. *Em geral: TdL e movimentos sociais*: cada movimento social, especialmente os mais novos e criativos, desenvolvem no seu interior uma cultura, uma ética, uma mística e espiritualidade. É neste ambiente que a TdL tem crescido na última década e a partir dali segue crescendo e se desenvolvendo. Nasce, por exemplo, uma teologia ligada à educação popular, à medicina popular, à agricultura alternativa, aos movimentos de solidariedade, aos direitos humanos, etc. Muitos destes movimentos nascem das CEBs e muitos cristãos participam neles; o povo que neles se expressa é profundamente religioso. Nasce assim uma *teologia dos movimentos sociais populares*.

Poderíamos destacar especificamente a *Teologia da Libertação da Mu-*

*lher*, que nasce organicamente ligada aos movimentos populares de libertação da mulher. Igualmente, nasce uma *Teologia Afro-Americana da Libertação* (especialmente no Brasil e no Caribe). Nos últimos cinco anos se tem desenvolvido uma TdL ligada aos *movimentos juvenis*. O impacto da TdL na juventude é algo novo e constitui também um novo desafio. Também a TdL começa a ter um impacto libertador nos movimentos de *classe média*, o que pode ser uma contribuição muito significativa para o movimento popular.

2. *Teologia Indígena da Libertação*: esta teologia é milenar, o novo está na sua articulação e expressão recente a nível continental e na sua relação com a TdL. Em um encontro recente de TdL um sacerdote diocesano zapoteco do México disse mais ou menos textualmente: A Teologia Indígena se apóia na e valoriza a TdL e espera maior diálogo com ela. Existe medo de que a crise da Igreja e as contradições da TdL afetem a Teologia Indígena. O sujeito da Teologia Indígena são os povos milenares. A Teologia Indígena é antiga, o novo é que agora é reconhecida na Igreja e na TdL. A Teologia Indígena é a força dos povos; é uma teologia subterrânea, que se expressa no âmbito religioso, em chave ritual e mística. A Teologia Indígena não é só uma reação contra o sistema, mas expressão milenar de sua vida e de seu espírito.

No calendário peruano se recolheu o seguinte testemunho sobre a Teologia Indígena:

Fizemos germinar nossas idéias (isto é, fizemos teologia)  
para saber sobreviver em meio de tanta fome,  
para defender-nos de tanto escândalo e ataque,  
para organizar-nos em meio de tanta confusão,  
para alegrar-nos apesar de muitíssimas tristezas e  
para sonhar mais forte que o desespero.

Aqui temos uma definição completa desta teologia e de como o povo, na sua luta contra a morte, encontra nela um meio para sobreviver, para organizar-se, para alegrar-se e para sonhar.

Não há dúvida que esta Teologia Indígena será uma nova raiz e um novo campo a partir de onde a TdL vai crescer e amadurecer, certamente respeitando sua autonomia e legitimidade próprias.

3. *TdL e cultura latino-americana*: a TdL já é parte da identidade de nosso continente, é parte de nosso patrimônio cultural. Assim o sentem não só os cristãos, mas também intelectuais e trabalhadores da cultura que não são cristãos. Não há dúvida que a TdL tem se expandido além dos limites teológicos e eclesiais. A nova literatura, a nova canção, a dança latino-americana são fenômenos independentes da TdL, mas nascem de um mesmo movimento histórico libertador; por isto pode dar-se o influxo entre eles. Existe uma TdL implícita na literatura, na canção e na dança, e também a TdL influi e cresce neles. A TdL se desenvolve hoje não somente com conceitos, com danças, com contos e lendas. Além das culturas especifica-

mentê indígenas e afro-americanas há as culturas camponesas e suburbanas, que têm um influxo direto na TdL e vice-versa: a TdL influi nelas.

## 2.2. Temas e Desafios Novos da TdL a Nível das CEBs

As CEBs, apesar das perseguições políticas e da crise da cristandade e do movimento conservador, seguem crescendo e amadurecendo na América Latina. Elas seguem também sendo um espaço de criatividade teológica. São o sujeito coletivo da produção e animação teológicas. Existe criatividade teológica intelectual, mas também a nível dos símbolos e mitos. Existe criatividade teológica também no campo da espiritualidade e da religiosidade popular. Descreveremos agora alguns campos desta produção.

1. *A Leitura Popular da Bíblia (LPB)*<sup>11</sup>: é talvez a atividade teológica mais produtiva das CEBs. Nesta leitura há três momentos. *Primeiro*: o povo cristão, pela atividade das CEBs, se apropria da leitura e interpretação da Bíblia. *Segundo*: o povo cristão se torna povo profético quando descobre a presença e revelação de Deus na realidade de hoje, à luz da Bíblia. *Terceiro*: o povo cristão ergue a Palavra de Deus — descoberta na Bíblia e na realidade à luz da Bíblia — com autoridade na Igreja. Assim, através da LPB, surge no povo de Deus um movimento profético, onde a *Palavra de Deus é reconhecida como autoridade e fonte de legitimidade*. A LPB tem como objetivo final não a Bíblia, mas a criação deste movimento profético. Está claro que as CEBs lêem a Bíblia na Igreja, sob o guia da tradição e do magistério. Trata-se, além disso, de uma leitura realizada em diálogo permanente com a exegese profissional<sup>12</sup>. Esta LPB não se faz contra a autoridade hierárquica da Igreja, mas, sim, contra o movimento neoconservador que busca transformar a autoridade da Igreja num poder sagrado totalitário. Isto representa um perigo sério para a Igreja, pois oprime e destrói o sentido de fé e a dimensão profética do Povo de Deus. As CEBs, com a LPB, levantam a *autoridade* da Palavra de Deus e deste modo *legitimam* o movimento profético na Igreja. As CEBs criam assim uma fonte de legitimidade que lhes dá *segurança e clareza* teológicas. Através da LPB está se dando nas CEBs uma permanente e profunda criatividade teológica desde a base, desde o Povo de Deus, em comunhão com a Igreja institucional universal.

2. *Teologia da evangelização da vida cotidiana; criatividade teológica no campo religioso popular*: nas CEBs se reflete continuamente, à luz da fé, sobre temas da *vida cotidiana*, a exemplo do trabalho, da terra, da saúde, da família, do sexo, da educação dos filhos, da cultura, da festa... Outra preocupação teológica central gira em torno da esperança, da exortação e do consolo. Isto se dá especialmente nas CEBs inseridas em ambientes de extrema miséria, entre excluídos e degenerados. Também se reflete teologicamente sobre a experiência cristã dentro dos movimentos sociais. O Evangelho começa a ser pensado no contexto das lutas populares pela terra, pela saúde, pela casa, pela escola, pela libertação da mulher, pela cultura, etc.

Não se trata de uma reflexão teológica abstrata, mas de uma reflexão no interior do *campo religioso*, onde intervêm ativamente a sabedoria e a piedade popular, onde a teologia não só se expressa em conceitos, mas também em narrações, símbolos e mitos. Podemos dizer que esta atividade teológica das CEBs é orgânica e uma autêntica *evangelização da vida*. As CEBs logram, a longo prazo, uma real evangelização das estruturas e dimensões mais fundamentais da vida humana. O Evangelho começa a ser vivido e pensado na vida cotidiana e de base e vai logrando lentamente sua transformação libertadora.

### 2.3. Temas e Desafios Novos para a TdL em Seu Nível Profissional

Os teólogos da libertação, que nos dedicamos inteiramente e de uma maneira profissional à TdL, mas que buscamos fazer teologia com as CEBs, enraizados na cultura e religião populares, também temos temas e desafios específicos que precisamos assumir com responsabilidade e valentia.

1. *Desafio teórico*: as transformações estruturais do sistema de dominação, da situação dos pobres e das práticas de resistência — que já analisamos na primeira parte deste artigo — exigem da TdL uma revisão muito profunda de todo seu campo teórico: é necessário elaborar novos conceitos teóricos, uma nova teoria ou racionalidade que nos permita *pensar* crítica e sistematicamente a experiência de fé na nova conjuntura. A crise do marxismo tem sido manipulada para reprimir todo pensamento crítico e libertador a partir do oprimido e contra o sistema capitalista; para destruir todo pensamento fundado na esperança e na solidariedade; para matar todo pensamento alternativo que permita pensar um futuro distinto do atual sistema dominante. Porque uma coisa é a crise objetiva do marxismo, e outra coisa é a manipulação que o capitalismo faz desta crise. Utiliza-se a crise do marxismo mais especificamente para proclamar o fim da TdL. Diz-se — falsamente — que o marxismo constituiria a racionalidade profunda da TdL; morta esta racionalidade, morre também a TdL. Não podemos entrar aqui no tema do marxismo e sua relação com a TdL. Só recordaremos que a TdL não nasce do marxismo, mas da experiência de Deus no mundo dos pobres e na prática de libertação. A TdL utiliza criticamente, em sua compreensão da realidade, as ciências sociais, e entre elas também alguns elementos teóricos do marxismo. Toda crise possível dentro das ciências sociais é interessante e desafiante para a TdL, mas de modo algum significa a crise da TdL. Não obstante, é muito importante não se deixar amedrontar pela guerra ideológica que manipula a crise do marxismo para matar todo pensamento crítico, alternativo, histórico, libertador e criador de esperança. A TdL sempre terá que seguir criando e re-criando seu campo teórico próprio e uma racionalidade apropriada para seu fazer teológico específico, a serviço da vida dos pobres e da libertação dos oprimidos.

2. *Novos campos de desenvolvimento da TdL*: até o momento a TdL

desenvolveu os tratados clássicos da teologia: teologia fundamental, cristologia, eclesiologia, escatologia, mariologia, moral, etc. Assim mesmo, a TdL renovou profundamente outras áreas teológicas como as ciências bíblicas, a história da Igreja, a doutrina social da Igreja, etc. Também a TdL criou, com seu espírito e sua metodologia, uma ética social, uma teologia da terra, uma teologia do trabalho, uma teologia da libertação da mulher, uma teologia ecumênica... A TdL dialogou preferencialmente com a sociologia e a filosofia. Todo este trabalho foi muito fecundo e seguirá se desenvolvendo nas próximas décadas<sup>14</sup>.

Nos últimos anos, no entanto, iniciou-se um desenvolvimento novo e desafiante da TdL em diálogo com três ciências: a economia, a ecologia e a antropologia. No campo *economia-teologia* destacamos o livro de Hugo Assmann e Franz Hinkelammert: *A Idolatria do Mercado. Ensaio sobre Economia e Teologia*<sup>15</sup>. Também os livros anteriores de F. Hinkelammert: *As Armas Ideológicas da Morte, Democracia e Totalitarismo, a Dívida Externa da América Latina*, etc.<sup>16</sup> Também neste campo trabalham Enrique Dussel, Júlio de Santa Ana, Raúl Vidales e outros. No campo *ecologia-teologia*, o DEI publicou cinco livros. Destacamos o último de Fernando Mirres: *O Discurso da Natureza, Ecologia e Política na América Latina*. Leonardo Boff se dedicará a este tema nos próximos anos e prepara várias publicações. No campo *antropologia-teologia* se realizou um imenso trabalho de campo e de base, especialmente no trabalho teológico e pastoral com os grupos indígenas em torno do tema da cultura. Neste campo destacamos o livro: *Rostos Índios de Deus. Os Ameríndios Cristãos*, cujos autores são Manuel Marzal, Ricardo Robles, Eugenio Maurer, Xavier Albó e Bartolomeu Meliá<sup>17</sup>.

### 3. Novo Horizonte Ecumênico e Universal da TdL

Através da Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, a TdL latino-americana e caribenha, intensificou seu diálogo com os teólogos africanos e asiáticos, com os teólogos/as da libertação da *Black Theology* (James H. Cone e outros), da teologia da libertação da mulher e com os teólogos da libertação do Primeiro Mundo. Em janeiro de 1992, a Associação terá sua próxima assembléia geral em Nairobi, Quênia, com o tema: "Clamor pela vida: a espiritualidade do Terceiro Mundo". Agora se inicia um diálogo mais universal com as teologias de libertação que emergem das religiões do Terceiro Mundo. Este diálogo já começou com a Teologia Indígena da Libertação surgida a partir das religiões indígenas da América Latina e do Caribe. Igualmente existe um diálogo muito fecundo com a Teologia Judia da Libertação<sup>18</sup> e com a Teologia Palestina da Libertação<sup>19</sup>. Ultimamente foram publicados livros sobre uma Teologia Muçulmana da Libertação com a qual o diálogo apenas iniciou. Na Ásia, o diálogo da TdL com

o hinduísmo e o budismo já tem uma longa história. Na atual conjuntura histórica, posterior à Guerra do Golfo Pérsico, na realidade uma guerra das potências ocidentais contra o Terceiro Mundo, este diálogo, com a metodologia e o espírito da TdL, do cristianismo com todas as religiões do Terceiro Mundo, será extraordinariamente desafiante e fecundo. Será um diálogo libertador, *a partir dos pobres do Terceiro Mundo*, pela vida e pela justiça. O tema do diálogo interreligioso, a partir da perspectiva teológica do Terceiro Mundo, será o Deus da Vida e a vida da natureza e dos pobres e oprimidos do Terceiro Mundo.

## Conclusão

A nova conjuntura histórica que vive o mundo nos exige re-pensar a TdL e nos provoca com novos desafios e novos temas. Cremos que a TdL tem a madureza e a força necessárias para responder a esta nova conjuntura e a estes novos temas e desafios. Não é o fim da TdL, como muitos queriam, mas a oportunidade histórica (o *kairós*) de um novo nascimento. A nova conjuntura abre caminhos inéditos e insuspeitos para o crescimento da TdL. Mas tudo isto exige re-pensar e re-criar seriamente a TdL, para que responda à nova situação histórica. Este artigo unicamente tem pretendido *iniciar*, humilde e tentativamente, esta re-construção da TdL para a nova conjuntura.

A TdL tem futuro e isto é um motivo de esperança para os pobres e oprimidos de todo o mundo. O que importa finalmente é o futuro da libertação e o futuro da vida dos pobres; o futuro da TdL está em função desse futuro de vida que queremos para todos no planeta e também para o cosmo ameaçado. Sigamos resistindo e construindo este futuro com muita esperança e sigamos também com esperança re-pensando e re-construindo a TdL. Necessitamos também da solidariedade de todos os oprimidos e de todos os homens e mulheres conscientes do mundo. Com esperança e solidariedade construiremos a TdL que necessitamos para a década de noventa e a TdL do século XXI. Nossa fé no Deus da Vida fortalecerá esta esperança e solidariedade.

## Notas

- 1 Este artigo continua a reflexão de meus dois artigos anteriores: “Década de noventa: uma esperança para o Terceiro Mundo”, *Pasos*, 27, janeiro/fevereiro 1990; “A Igreja dos Pobres na década de noventa”, *Pasos*, 28, março/abril 1990.
- 2 Assim, por exemplo, Oscar BEJARANO escreve em *La Nación*, Costa Rica, 4 de janeiro de 1991, um artigo intitulado “Requiem para uma teologia”, onde proclama o fim da TdL. Este artigo demonstra uma irritante ignorância em teologia e muita má intenção, mas é o desejo de centenas de artigos em toda a América Latina que tratam de sepultar a TdL.
- 3 Veja-se o artigo coletivo do DEI: “A Primeira Grande Guerra contra o Terceiro Mundo: capitalismo, opressão e solidariedade no final do século”, *Pasos*, 33, janeiro/fevereiro 1991.

- 4 Para uma definição teórica da TdL, veja-se o primeiro capítulo: “Teología de la liberación latinoamericana” no meu livro *La Iglesia latinoamericana entre el temor y la esperanza*, San José, DEI, 1990 (5. ed.). Igualmente o capítulo “Cómo nace, crece y madura la TdL”, no meu livro *La fuerza espiritual de la Iglesia de los Pobres*, San José, DEI, 1990 (2. ed.).
- 5 Veja-se especialmente F. HINKELAMMERT: “A crise do socialismo e o Terceiro Mundo”, *Pasos*, 30, julho/agosto 1990. Também os artigos de Hélio GALLARDO sobre “Francis Fukuyama”, em *Pasos*, 27, janeiro/fevereiro 1990 e 28, março/abril 1990.
- 6 Veja-se a publicação *De la lógica del sacrificio a la realización humana*, folheto publicado pela REDLA-CPID, San José, DEI, julho 1990. Especialmente F. HINKELAMMERT: “El circuito sacrificial en la legitimación de la dominación occidental: la Ifigenia del Occidente en America Latina”.
- 7 Veja-se a segunda tese do artigo de F. HINKELAMMERT, citado na nota 5.
- 8 Veja-se F. HINKELAMMERT: “Nuestro proyecto de nueva sociedad en América Latina. El papel regulador del Estado y los problemas de la autoregulación del mercado”, *Pasos*, 33, janeiro/fevereiro 1991.
- 9 Veja-se o número da *Revista de Interpretación Bíblica Latino-Americana (RIBLA)* dedicado ao tema “Apocalíptica: esperanza de los pobres”, nº 7, 1990. Veja-se neste número o meu artigo sobre o enfrentamento apocalíptico entre o povo de Deus e o Império no livro de Daniel. Este ano publicarei também um livro sobre o Apocalipse de João, interpretado a partir da TdL.
- 10 Para a distinção destes níveis, veja meu livro: “La fuerza espiritual de la Iglesia de los Pobres”, *op. cit.*, segunda parte, terceiro capítulo: “Cómo nace, crece y madura la TdL”, pp. 133-142.
- 11 Veja-se o nº 1 de RIBLA, dedicado a este tema, particularmente os artigos de N. Vélez e P. Richard.
- 12 Leia-se o extraordinário artigo de Carlos MESTERS: “Lectura fiel de la Biblia”, *RIBLA*, 5-6:115-129.
- 13 Veja-se o artigo de Helio GALLARDO: “Cinco mitos em torno a la crisis del socialismo histórico”, *Pasos*, 31, setembro/outubro 1990.
- 14 Veja-se o projeto “Libertação e Teologia”, que busca sistematizar o pensamento da TdL. Já foram publicados mais de 25 volumes em português, pela Editora Vozes, Petrópolis. Em espanhol foram publicados os primeiros volumes pela Edições Paulinas da Espanha e os restantes por várias editoras latino-americanas (Abya-Yala, DEI, CRT, etc.). A melhor e última sistematização da TdL temos na obra *Mysterium Liberationis. Conceptos fundamentales de la Teología de la Liberación*, volume I, 642 pp., e volume II, 689 pp., editados por Jon SOBRINO e Ignacio ELLACURÍA (Madri, Editorial Trotta, 1990).
- 15 São Paulo, Vozes, 1989. Em breve será publicado em castelhano pela Editorial DEI.
- 16 Todos eles publicados pelo DEI, na coleção “Economia-Teologia”.
- 17 Publicado em Quito, Equador, 1991, pela Editorial Abya-Yala. Anteriormente publicado pela Vozes, Petrópolis, em português. A Editorial Abya-Yala publicou mais de 30 volumes no campo Teologia-Antropologia, especialmente por ocasião da comemoração dos 500 anos de conquista e resistência.
- 18 Marc H. ELLIS, *Hacia una teología judía de la liberación*, San José, Editorial DEI, 1988 (tradução do inglês).
- 19 Naim Stifan ATEEK, *Justice, and only Justice. A Palestinian Theology of Liberation*, Maryknoll, Orbis Books, 1989.

Pablo Richard  
Apartado 389 — 2070 Sabanilla  
San Jose — Costa Rica  
(Tradução: Henri Fuchs)